

Mães pedem reabertura da creche

Inaugurada em agosto do ano passado, com uma pomposa festa política, na qual não faltaram promessas e até a prisão de quatro manifestantes, a Creche Municipal de Burgo Paulista, na periferia da Penha, permaneceu apenas dois meses aberta. Após este período, começaram a surgir os primeiros problemas, que acabaram determinando o fechamento do estabelecimento e a transferência de 108 crianças para outras creches em bairros vizinhos.

Mais de uma vez a comissão de moradores de Burgo Paulista e um grupo de mães denunciaram o problema, sem que até agora nenhuma providência tenha sido tomada pela Administração Regional da Penha ou pela Secretaria da Família e do Bem-Estar Social (Fabes). Meses atrás, representantes do bairro estiveram em um programa de televisão para reclamar do descaso com que vem sendo tratado o problema. Na ocasião, receberam, através de um telefonema do prefeito Antônio Salim Curiati, a garantia de que a creche seria reparada em quatro dias.

MAL-CONSTRUÍDA

Logo no início do funcionamento, as mães já haviam notado que, devido a pressa em inaugurá-la antes das eleições, a creche apresentava sérios defeitos de construção. Como o bairro não possui rede de esgoto, toda a instalação hidráulica do estabelecimento foi canalizada para uma mesma fossa. Assim, não comportando a grande descarga de dejetos, a fossa rapidamente começou a transbordar, inundando o terreno em torno e provocando um mau cheiro insuportável para crianças e funcionários. Como se não bastasse, pouco tempo depois, surgiram defeitos na instalação elétrica, que passou a dar curto-circuitos e choques. Também o gás canalizado começou a vazar, trazendo grande perigo de incêndio.

Temendo que algo de grave acontecesse, a Fabes ordenou a transferência das crianças, o que veio a provocar novos problemas para as mães, uma vez que as outras creches municipais encontram-se muito longe do bairro, em São Nicolau, Jardim Coimbra e Jardim Nordeste, e a Prefeitura nem mesmo ofereceu transporte gratuito. Enquanto isso, a creche de Burgo Paulista permaneceu no mais completo abandono e hoje um imenso matagal cobre a área. Sempre que procuradas, as assistentes sociais da AR-Penha dizem que já perderam as esperanças de que o local volte a funcionar ainda neste governo.

SINTOMA

Na realidade, conforme Ana Maria Sampaio, Manoel José de Godói e Luis Gonzaga Lombardi, da comissão de moradores, a situação da creche é apenas um sintoma da miséria geral em que vive Burgo Paulista. A poucos metros da avenida principal do bairro, numa rua de terra que quando chove facilmente inunda, fica o único centro de saúde da região. Indignados, os usuários reclamam que nem ao menos pediatra o posto tem.

Os moradores queixam-se ainda que o bairro não tem ligação com as vilas vizinhas, pois nas áreas limites existem grandes cercas. O esgoto das casas corre a céu aberto, provocando forte mau cheiro em dias quentes. E grande parte das ruas não são asfaltadas. "Vivemos numa ilha, cercados por todos os lados", conclui Manoel José.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Folha de São Paulo*
Data: *11/01/83*
Pág.: *---*

Pasta n.º

N.º do recorte

Ladrão invade creche e fere

sua diretora

SP 11/1/83
Um homem branco, magro e baixo, aparentando 27 anos, segurando um revólver com as duas mãos, invadiu a Creche Municipal Jardim Guarani, na Zona Norte, e gritou: "Ninguém se mexe que eu vou atirar".

A diretora Jussara Alonso, 28 anos, casada, que estava no pátio com nove alunos e professores, empurrou todas para dentro de uma sala de aula.

O homem disparou a arma várias vezes, atingindo a porta e janelas da sala. Um dos tiros atravessou a porta na altura da fechadura, ferindo levemente a mão e as costas da diretora. O agressor fugiu em seguida.

No 45.º Distrito Policial (Vila Brasilândia), Jussara contou que o homem estava acompanhado de um outro, que não soube descrever. O caso foi registrado pelo delegado de plantão como "periclitacão de vida". Os policiais acreditam que os dois eram ladrões e invadiram a creche para roubar.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DE PAULISTA*Data: *11/11/83*Pág. *—*

Pasta n.º

N.º do recorte

Invadiu uma creche e feriu a diretora

Um indivíduo descrito como sendo branco, magro, baixo e de 27 anos presumíveis, invadiu, ontem à tarde, a creche municipal "Jardim Guarani", na Zona Norte da cidade, e, empunhando um revólver com as duas mãos gritou: ninguém se mexe que eu vou atirar." A diretora do estabelecimento, Jussara Alonso, de 28 anos, casada, que estava no pátio com nove pessoas — alunos e professores —, percebendo a atitude estranha do desconhecido, empurrou todas rapidamente para dentro de uma sala de aula.. *Folha 11/11/83*

Em seguida o homem efetuou vários disparos, que atingiram a porta e os vidros da sala onde as pessoas estavam abrigadas. Um dos projéteis atravessou a porta, na altura da fechadura, ferindo levemente a mão e as costas de Jussara. Posteriormente, como se nada de anormal tivesse acontecido, o desconhecido se evadiu.

A diretora da creche contou à autoridade de plantão no 45.º Distrito, que o agressor estava acompanhado de um outro homem, cujas características não soube descrever. A ocorrência foi registrada como "periclitacão de vida". Os policiais suspeitam de que os dois homens eram ladrões que pretendiam assaltar o estabelecimento.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Estado de São Paulo*Data: *11/01/82*Pág. *-*

Pasta n.º

N.º do recorte

Pirituba e Perus terão três creches em março

Em março próximo serão abertas em Pirituba-Perus 450 vagas para crianças de 0 a 6 anos de idade, com a entrada em operação de três creches na região: a do Jardim Taipas, na rua Morro de São Sebastião; a do Jardim Pirituba, na rua

Barra da Forquilha; e a do Jardim Pana-mericano, na rua Litoral Paranaense. Foi o que garantiu ontem o prefeito Antônio Salim Curiati ao vistoriar obras na área.

As três creches, orçadas em Cr\$ 1,06 milhão, estão em fase final de acabamento. Também está em fase de conclusão o posto de bombeiros de Pirituba, na rua Monsenhor Castro Neri, vistoriado ontem por Curiati, para quem a obra "será de grande importância para toda aquela extensa região da cidade, hoje desprovida do atendimento imediato do Corpo de Bombeiros".

Ainda em Perus, o prefeito visitou o aterro sanitário local, que ocupa uma área de 750 mil metros quadrados, onde se acham depositadas mais de 700 mil toneladas de lixo. Encerrou sua vistoria no parque Anhanguera, onde existem 180 clareiras, cada uma cercada por cerca de 200 árvores.

Prefeito quer passar creches à comunidade

Cerca de quarenta creches prometidas pelo prefeito Salim Curiati poderão não ser entregues até o final do governo. O secretário José Avila da Rocha, do Bem-Estar Social, adiantou ontem que estuda uma forma de transformá-las em entidades indiretas, ou seja, conveniadas com a Prefeitura, de quem receberiam apenas auxílios e subvenções, sendo administradas por entidades particulares.

O secretário explicou que "o governo não pode ser assistencialista" e que o poder público não tem recursos para operar toda a demanda de creches. Segundo Avila da Rocha, o objetivo é "buscar uma maior participação das forças da comunidade". Ele acredita ainda que vários dos movimentos que reivindicam abertura de creches "só sabem exigir, mas não querem participar e essa mentalidade precisa mudar".

Além disso, ele afirma que as entidades conveniadas "têm muito apoio do poder público, através de isenção de impostos e outras formas de estímulo, como descontos nas contas de água e luz". Rocha propõe ainda que as entidades procurem ampliar seu quadro de sócios beneméritos e estuda a forma de criar uma campanha nesse sentido. Lembrou que "os sócios têm incentivos através de descontos no seu imposto de renda e muita gente sequer sabe disso".

No ano passado, segundo o secretário, o Conselho Municipal de Auxílios e Subvenções gastou mais de um bilhão de cruzzeiros em ajuda a entidades sociais, através de auxílios e subvenções.

IGNORÂNCIA

Apesar da nova filosofia, de evitar as creches mantidas diretamente pela

Prefeitura, aumentando as creches conveniadas, o secretário admite que muitas dessas entidades desconhecem as vantagens que lhes são oferecidas.

Para diminuir esse problema, a Secretaria da Família e Bem-Estar Social está estudando uma forma de criar uma consolidação das leis de ajuda financeira e outros benefícios. "Vamos consultar técnicos especializados e estudar o assunto", promete Avila da Rocha.

Além disso, o secretário admite que a burocracia para se chegar aos benefícios também é grande. Para resolver o problema, ele acredita que é possível desburocratizar e com isso a comunidade passaria a se interessar mais em administrar entidades indiretas, subvencionadas pela Prefeitura.

Existe, segundo ele, "uma série de benefícios retalhados, da Prefeitura, do Estado e do governo federal, que a maioria das entidades pequenas desconhece e não tem acesso pela burocracia". Afirmou ainda que "as pequenas e médias acabam gastando parte do dinheiro que deveria ser gasto em assistência social, nos papéis e burocracias protocolares".

Se não houvesse as entidades assistenciais filantrópicas, mantidas pela própria comunidade com ajuda do governo municipal, "a situação estaria ainda mais crítica", afirma ele. Atualmente existem 147 creches conveniadas e 22 indiretas e mais de 200 diretas.

As entidades serão convidadas a administrar as 40 creches que o governo municipal vai repassar para a comunidade. A escolha delas ainda está sendo estudada.

O governo e a nossa luta pelas creches

IREDE CARDOSO

Consideramos a questão das creches públicas como de toda a comunidade. Todavia as mulheres, em seu primeiro congresso em São Paulo, criaram um movimento de luta por creches e desde então o assunto passou a ser um dos pontos de honra do movimento feminista. Embora consciente de que o filho é, em nossa sociedade, teoricamente de responsabilidade do pai e da mãe, sabemos que no machismo reinante a criança é gerada, amamentada e socializada pela mulher, o que lhe tem acarretado onus insuportável desde que o mundo mudou e passou a exigir sua presença no mercado de trabalho, por necessidade de sobrevivência.

Não estamos entretanto fazendo a apologia da mulher voltando ao lar, às lides da maternidade, como se essas fossem suas únicas e exclusivas tarefas. Liberdade significa optar nas condições materiais e culturais de nossa existência.

Essa pequena introdução é necessária para entender o que se passa em nossa Secretaria da Família e Bem Estar Social (Fabes), um nome tão bonito para São Paulo e nas mãos de pessoa despreparada para o atendimento necessário à família e ao bem-estar social. O coronel José Ávila Rocha, chefe da Fabes, já mostrou à cidade quais são seus métodos. Provavelmente mais adestrado aos procedimentos castrenses, não tem mostrado a serenidade ou o discernimento necessário para conduzir sua Pasta com a doçura e a energia que a família e o bem-estar social requerem.

Em primeiro lugar, revelou-se um técnico-burocrata a mais ao tentar aplicar métodos de controle da natalidade através do criticadíssimo programa Pró-Família, que tem por princípio considerar os pobres como culpados pela pobreza.

Não contente passou a perseguir e processar mais de uma dezena de funcionários, a maioria mulheres, que, mais sensíveis e ligadas às necessidades da população que assistem, procuram atender aos reclamos que entendem como justos.

Além de terretido em seus gabinetes, em estranho cárcere privado, grupos de representantes do Jardim São Paulo — até hoje vivendo nas piores condições imagináveis, onde mulheres e crianças são as principais vítimas —, o coronel também se distingue por outros traços. Sua Pasta viveu momentos de violência contra a imprensa no lamentável episódio que atingiu nossos colegas da Rede Globo. Não só uma vez a população que a ele recorreu foi destruída. Um verdadeiro terror.

Com 25 funcionários sendo indiciados em processos por indisciplina e desacato à autoridade, ainda não se indaga se não será desacato à autoridade do povo expulsar moradores de suas casas com cães, barracos derrubados e toda a triste parafernália da repressão aos sem moradia, em sua maioria mulheres e crianças que vivem em São Paulo ao seu dar. E Deus não dará nada a essas famílias sem nenhum bem-estar social enquanto perdurarem métodos de brutalidade e violência. Quem é o coronel Ávila? Para nós, feministas, um machista que, não satisfeito, acaba de punir a conhecida "Mamma" da periferia, a vereadora eleita pelo PT, Luisa Brondina, primeiro com cinco dias de suspensão, pena reduzida para três, mas com ameaça de ação penal. Mais um caso de perseguição contra mulheres, uma vez que a assistente social Brondina já corrigiu publicamente o erro com que suas declarações saíram na imprensa através do jornal "O São Paulo".

Creche teme uma outra invasão

F/SP 12/01/83

A Creche Municipal Jardim Guarani, na Vila Brasilândia, invadida anteontem por dois homens, continua sem segurança. E crianças e funcionários temem a volta do homem que fez vários disparos, ferindo a diretora, Jussara Alonso.

Gildete Ferreira de Oliveira, enfermeira da creche, que atende 118 crianças, contava ontem que essa não foi a primeira violência ocorrida no lugar. "Duas pajens já foram assaltadas quando saíam do trabalho e outra vez um assaltante roubou uma moça que veio visitar a entidade", disse ela.

No dia da invasão, segundo as funcionárias, dois homens armados com revólveres tentaram entrar na creche, mas a diretora conseguiu correr com as nove crianças que estavam perto dela. Mesmo assim, um deles fez os disparos, ferindo levemente a diretora e acertando a fechadura.

"Agora está todo mundo amedrontado", afirma Gildete. As mães das crianças também temem novos assaltos e "ficam com medo de deixar os filhos, mas não têm outra opção. Todas trabalham fora e não têm onde deixá-los", segundo a funcionária. Fabrício, um garoto de 4 anos, conta que no dia da ocorrência "todo mundo ficou com medo e foi uma correria".

Uma das soluções apresentadas pelas funcionárias, seria o fechamento mais cedo. Atualmente a creche fecha às 19 horas, mas com o atraso das mães, "que trabalham longe e dependem de ônibus, a gente acaba fechando até depois das 20 horas", explica Gildete. Mas ela mesma admite que o fechamento mais cedo "é impossível. Onde ficariam essas crianças todas?", pergunta. Assim, a única solução é "a presença permanente de um policial ou um guarda de segurança", propõe a funcionária.

MEC aplicará este ano Cr\$ 132 bilhões em suplementações

Est. SP. 13/1/83 p. 13

Da sucursal de
BRASÍLIA

O Ministro da Educação lançará este ano, em julho, um projeto de impacto para os 107 mil professores municipais do País, com recursos do Fundo de Investimento Social, são Cr\$ 132 bilhões a serem aplicados, entre julho de 1983 e junho de 1984, na qualificação e suplementação salarial deste Magistério.

A informação foi dada ontem, em Brasília, pelo secretário de Planejamento do MEC, professor Cláudio Nelva. O projeto, denominado "Valorização do Magistério", é um dos que serão apresentados ao Finsocial, oficialmente, nos próximos 10 dias, mas todas as autoridades do Banco de Desenvolvimento Econômico e Social, da Secretaria do Planejamento da Presidência da República e da Casa Civil já tomaram conhecimento informal dos demais pedidos do MEC ao Fundo. São Cr\$ 74 bilhões para a alimentação escolar, Cr\$ 18 bilhões para a educação pré-escolar e Cr\$ 10 bilhões para um programa de apoio às administrações municipais, no que diz respeito à Educação.

Estes programas já foram discutidos, em seus detalhes, com os assessores técnicos de todos os órgãos envolvidos na sua aprovação, e serão levados oficialmente pela ministra Esther de Figueiredo Ferraz às autoridades proximamente.

Explicando o grande projeto de valorização do Magistério, Cláudio Nelva lembra que as quatro primeiras séries do ensino de primeiro grau representam o "calcanhar de Aquiles" do sistema educacional brasileiro. "Estamos com um rendimento muito baixo nesta faixa. De cada 100 alunos que ingressam, apenas 31 chegam à quarta série, e 16 vão até a oitava. Na passagem da primeira para a segunda série, a evasão e a

repetência mostram índices superiores a 50%", afirma o secretário de Planejamento.

Para o Ministério da Educação, a qualificação do professor que atua nas quatro primeiras séries do ensino de primeiro grau tem uma grande correlação com o desempenho dos alunos. Cláudio Nelva observa, inclusive, que pesquisas já demonstraram, de maneira cabal, que o rendimento do aluno é afetado pela relação com o professor na fase de alfabetização.

Na rede municipal de ensino estão 7 milhões de alunos matriculados no primeiro grau. A rede estadual matricula, no momento, 13 milhões, e as redes federal e particular matriculam 3 milhões, totalizando 23 milhões de alunos no ensino de primeiro grau. Contudo, é na rede municipal, onde estão os 7 milhões de alunos matriculados, que encontra-se o maior contingente de professores leigos, que convivem com uma relação de trabalho bastante frágil, com contratos temporários e nenhuma perspectiva de ascensão na carreira.

Estes professores têm salários na faixa dos Cr\$ 800,00 a Cr\$ 1.200 mensais, mas há salários de até Cr\$ 154,00 por mês. "Estamos pleiteando mudar este quadro progressivamente, para assegurar ao professor que esteja em regência de classe e em tempo integral na atividade escolar, uma qualificação e uma remuneração condigna."

Esta remuneração poderá ter o piso de um salário mínimo para todos os professores, inclusive leigos, com um aumento gradual de acordo com a qualificação. O programa prevê a incorporação gradativa, por parte dos municípios, dos custos do projeto, daí por que a própria justificativa do programa considera essencial, para sua realização, o cumprimento da promessa do governo de reverter a distribuição da receita fiscal.

Estados oposicionistas não serão discriminados

**Da sucursal de
BRASÍLIA**

Os onze Estados onde o governo foi derrotado nas eleições de novembro último não serão discriminados pelo Ministério da Educação e Cultura na assinatura dos convênios globais, dia 27 próximo, que permitirão o repasse de recursos em valor aproximado a Cr\$ 70 bilhões para aplicação em programas de educação básica.

Nos convênios globais de 1982, o MEC discriminou o Pará cujo governador mantinha em um nível delicado suas relações com o governo central. Os recursos destinados à Educação, na aquele Estado, foram aplicados pela Delegacia Regional do MEC e pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia. Desta vez, faltando apenas 15 dias para a assinatura global com os Estados, todos os convênios estão prontos e ainda não há vetos.

O secretário de Planejamento do MEC, professor Cláudio Neiva, informou ontem que a Secretaria não está trabalhando nos convênios com esta preocupação política e será mantido o mesmo percentual de recursos por região que foi concedido em 1982 — 10,5% para os Estados do Norte; 10,6% para o

Sudeste; 10,6% para o Sul; 10,2% para o Centro-Oeste; e 52% para o Nordeste. Esta proporção não deve sofrer alterações substanciais.

Os convênios globais estão incluindo os recursos da receita do salário-educação, cota federal e do orçamento para educação básica do MEC. Segundo explica o secretário de Planejamento, o objetivo do convênio, firmado globalmente com os Estados, é descentralizar as decisões quanto à aplicação dos recursos, transferindo aos Estados um poder maior de comando sobre as verbas, que antes eram negociadas projeto a projeto, e fortalecer o planejamento estadual, na medida em que pode conhecer, antecipadamente, o montante de recursos com que poderá contar. Além disso, permite grande simplificação antes de vigorar esta sistemática, criada em 1982, passavam pelo MEC cerca de 80 mil processos de prestação de contas, agora examinadas em conjunto com as contas estaduais, em cada unidade da Federação. Para aplicação dos recursos do convênio global, estão dominando, nos planos enviados pelos Estados ao MEC, os programas de educação pré-escolar, a qualificação do magistério do ensino de primeiro grau e a educação rural.

Donativos japoneses a crianças



Funcionários da JAL com crianças da Casa da Infância

F. J. J. 13/1/83
As 210 crianças da Casa da Infância Menino Jesus, instituição beneficente mantida em São Paulo pela Liga das Senhoras Católicas, viveram, na semana do Natal, um dia muito especial. Quatro funcionários da JAL — "Japan Air Lines", lotados no Aeroporto Internacional de Tóquio, em Narita, deslocaram-se do Japão até o Brasil com o único objetivo de visitá-las e entregar-lhes uma tonelada e meia de roupas, agasalhos, sapatos e outros objetos de uso pessoal recolhidos entre os dois mil funcionários da empresa aérea japonesa que trabalham naquele aeroporto. Os donativos foram entregues também aos 102 menores excepcionais do Jardim da Criança, em Itaquera, e às 75 crianças que vivem na Casa da Esperança, em Guarulhos.

O INICIO

Há dois anos, irmã Catarina Furuya, que, juntamente com sete outras reli-

giosas da Congregação das Franciscanas Missionárias de Maria, cuida da Casa da Infância Menino Jesus, conheceu, em Tóquio, uma jovem universitária, paraplégica, que muito a impressionou por seu otimismo e sua alegria de viver. Ao regressar ao Brasil, passou a corresponder-se com essa jovem, de nome Yumi Kudo.

No início deste ano, irmã Catarina voltou ao Japão e procurou Yumi em seu local de trabalho, o Aeroporto Internacional de Tóquio, quando lhe falou das dificuldades enfrentadas pela Casa da Infância Menino Jesus.

Yumi, que é membro de um grupo voluntário denominado "3-S", colocou-se imediatamente em campo e, com seus companheiros, iniciou uma campanha de ajuda às crianças brasileiras. Essa campanha contou com a colaboração de mais de dois mil funcionários da JAL, além de 7.200 pessoas da comunidade de Narita, resultando na coleta de 1,5 tonelada de donativos.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Estado de São Paulo*Data: *14/01/83*Pág. *1*

Pasta n.º

N.º do recorte

**Mais empresas
dão apoio à
creche-casulo**

F/20 14/01/83
RIO — Ao assinar anteontem, no Rio, convênios com cinco empresas que passaram a apoiar financeiramente o programa de creches-casulos, a presidenta da Legião Brasileira de Assistência (LBA), Léa Leal, afirmou que "se o exemplo for seguido em todo o País, como esperamos, estaremos muito perto da solução definitiva do problema da criança brasileira".

Com os convênios, 175 crianças carentes em idade pré-escolar serão atendidas em creches do interior do Estado do Rio. As empresas Wrobel Construtora, Saneadora Territorial Agrícola, Modata Engenharia de Telecomunicações e Informática, Hermes S. A. e Fábrica de Estruturas Metálicas S. A. financiarão, cada uma, o atendimento a 35 crianças, repassando mensalmente à LBA o valor de uma Obrigação Reajustável do Tesouro Nacional (ORTN) — atualmente Cr\$ 3.098 — per capita.

Ladrões roubam F-18P 15/01/83 creche e Copom não envia ajuda

Assaltantes invadiram na madrugada de ontem a creche municipal Três Corações, na Chácara Cocaia (Santo Amaro), roubando uma máquina de costura, um liquidificador, um relógio de parede, seis panelas de pressão e a merenda escolar do mês. O vigia pediu auxílio ao Copom, pelo telefone 190, mas não foi atendido. Diante disso, o secretário da Família e Bem-Estar Social da Prefeitura, José Ávila da Rocha, fez ontem um apelo à polícia para que dê prioridade às solicitações de ajuda dos vigias das creches municipais, que estão sendo constantemente depredadas e saqueadas.

Por volta das duas horas de ontem, a creche Três Corações teve suas portas arrombadas e vitrões quebrados. O vigia alertou a polícia, que constatou o arrombamento, mas não registrou a ocorrência, por não ter havido roubo. Pouco depois da saída dos PMs, disse o vigia, cinco homens saquearam a creche. Antes que os assaltantes se retirassem, o vigia voltou a telefonar ao Copom, porém não foi atendido. Mais tarde foi feito boletim de ocorrência, no

25.º DP (Parelheiros) e a creche foi interditada para a peritagem.

O APELO

"Por isso vou fazer um apelo às autoridades para que atendam prontamente aos pedidos de socorro feitos pelos vigias das creches municipais. Apelo para que dêem prioridade de atendimento, tendo em vista esse surto de invasões seguidas de roubos e depredações nas creches", afirmou Ávila.

De acordo com o secretário, essa é a medida que a Prefeitura pode tomar em relação aos assaltos: "Não estamos de braços cruzados, mas não podemos armar nossos vigias, que só podem mesmo dar alarme por telefone, já que não têm poder policial e não trabalham armados."

Adiantou que a Fabes estuda a contratação de firmas especializadas em segurança para proteger as creches. "Porém, os primeiros levantamentos indicam que essa opção está fora do orçamento, e é muito onerosa. Ainda não descartamos esta alternativa, mas o fato é que ela se está mostrando difícil, devido ao custo homem/hora."

Assaltos a creches municipais: apelo

F1 707dc 15/10/83

Um apelo para que os distritos policiais e o Copom atendam com prioridade às chamadas telefônicas dos vigias das creches municipais foi feito ontem pelo secretário José Ávila da Rocha, da Fabes — Família e Bem-Estar Social. O apelo foi justificado com o assalto na madrugada passada, ocorrido na creche Três Corações, na Chácara Cocala (Santo Amaro), em que o pedido de socorro feito pelo código 190 (telefone para chamar a Polícia) pelo vigia da unidade não foi atendido.

Por volta das 2 horas da madrugada de ontem a creche Três Corações teve suas portas arrombadas e vidros quebrados. O vigia da unidade alertou a Polícia, que constatou o arrombamento, mas nada registrou por não ter havido roubo. Pouco depois da saída dos PMs, cinco elementos voltaram a invadir a creche Três Corações, roubando desde uma máquina de Costura, um liquidificador, um relógio de parede e seis panelas de pressão até toda a merenda escolar do mês. Antes que os assaltantes se retrisassem o vigia voltou a acionar o 190, porém não foi atendido.

Mais tarde foi feito boletim de ocorrência na 25.ª Delegacia de Parelheiros, e a creche foi interditada para a peritagem.

"Por isso vou fazer um apelo a todas as autoridades dos distritos e do Copom para que atendam prontamente aos pedidos de socorro feitos pelos vigias das creches municipais. Apelo para que dêem prioridade de atendimento, tendo em vista esse surto de invasões seguidas de roubos e depredações nas creches", afirmou Ávila.

Segundo o secretário, essa é a medida mais imediata que a Prefeitura pode tomar em relação aos assaltos a equipamentos municipais. "Não estamos de braços cruzados, mas não podemos armar nossos vigias, que só podem mesmo dar alarme por telefone já que não têm poder policial e não trabalham armados."

Adiantou que a Fabes está estudando a contratação de firmas de segurança para acabar com os assaltos e depredações às creches.

"Os primeiros levantamentos indicam, porém, que essa opção está fora do orçamento e é muito onerosa. Ainda não descartamos esta alternativa, mas o fato é que ela está se mostrando difícil devido ao custo homem/hora. Por isso, por ora só podemos mesmo é apelar aos distritos e ao Copom uma prioridade de atendimento as chamadas feitas por nossas creches."

ENTIDADE CUIDA DE MENINAS

ÓRFÃS HÁ 21 ANOS

17/01/83

Este ano, o Lar N.S. Aparecida — entidade filantrópica que cuida de meninas órfãs ou abandonadas, gratuitamente — está completando 21 anos de existência. Mas, apesar da maioridade, ainda não conseguiu tornar-se "independente" financeiramente. Por isso, como acontece com todas as associações de caridade, está passando por sérias dificuldades e conta apenas com a ajuda da população para sobreviver. Doações como lençóis, fronhas, cobertores, roupas semi-usadas de meninas e moças, materiais para construção etc, tudo é bem-vindo no Lar N.S. Aparecida, que não possui subvenções oficiais, apesar de ser reconhecida como de utilidade pública no Município e no Estado.

O INÍCIO

Foi em outubro de 1962 que da. Catarina

Lopes, hoje com 54 anos de idade, resolveu criar um casal de crianças. Com o passar do tempo, apesar das dificuldades (ela contava apenas com a sua profissão de bordadeira para sobreviver), conseguiu educá-los e, conforme ela mesma conta, "Deus atendeu meu desejo oferecendo estes dois filhos. E colocou outros no meu caminho, que só me deram e me dão felicidade, pois cuido destas meninas com muito amor". Mais e mais crianças foram aparecendo à sua porta, algumas trazidas até pelas próprias mães.

Hoje, da. Catarina, numa ampla casa em Santo André — um lugar muito carente e distante cerca de 40 quilômetros do centro da cidade — cuida de 38 meninas, cujas idades variam de dois a 18 anos. As meno-

res estudam no próprio Lar, orientadas por Maria Inês, uma irmã de caridade, e por ela mesma.

As outras, em idade escolar, permanecem por meio dia em escolas públicas nas proximidades. O resto do dia passam fazendo os deveres de escola, aprendem bordados, pintura, violão. Quando maiores, trabalham e estudam e, assim que apresentam condições de sustento próprio, costumam morar em pensão de religiosas, mais próxima do centro.

LUTA ÁRDUA

Para conseguir saldar os compromissos e sobreviver com as 38 meninas, da. Catarina conta apenas com a ajuda da popula-

ção em geral. Há uma diretoria do Lar, que eventualmente promove campanhas beneficentes visando arrecadação de fundos. Mas, de resto, é a própria população local quem colabora.

O Lar precisa de tudo e qualquer tipo de doação é bem aceita: desde roupas de cama, mesa, banho, roupas usadas de crianças e moças, material para construção (estão ampliando as acomodações) remédios, calçados, enfim, todo tipo de donativo.

O Lar N. S. Aparecida fica na estrada Municipal, 501 (seguir pela Estrada de Parrelheiros, entrar na Estrada da Varginha e, a seguir, Estrada Municipal), a cerca de 40 quilômetros do centro da Capital. O telefone, para maiores informações, é 520-9290.

PREFEITURA COMEÇA A ENTREGAR MAIS 11 CRECHES

A partir de hoje e até o dia 25, o prefeito Antônio Salim Curiati e o secretário José Ávila da Rocha, da família e Bem-Estar Social, estarão entregando 11 creches na periferia de cidade, abrindo mais de mil vagas para crianças de zero a seis anos de idade. As inaugurações integram as comemorações do 429.º aniversário de São Paulo.

Segundo informou o secretário José Ávila da Rocha, com as novas unidades será elevado para 146 o número de creches administradas e mantidas pela Fabes, representando o atendimento a cerca de 17 mil crianças carentes.

Hoje, às 9h30, será inaugurada a creche Jardim São Luís 1, no Promorar São Luís,

em Campo Limpo; amanhã, às 10 horas, a creche A.E. Carvalho, na Penha; sexta-feira, às 10 horas, a creche Jardim Reimberg, em Santo Amaro, meia hora mais tarde, a unidade do Parque Grajaú, na mesma regional; sábado, às 10h30, a creche Bom Retiro, na Regional da Sé; domingo, às 11h15, a creche do Jardim Guai-carás, em Vila Prudente; dia 24, serão entregues três unidades em São Miguel-Hermelino Matarazzo, sendo às 9h30 a creche Jardim Campos, às 10 horas, a do Jardim Veronia e às 10h30, a unidade Jardim Matarazzo.

Dia 25, às 16 horas, será entregue a creche Jardim Uirapuru, e meia hora mais tarde, a Projeto Marco, ambas em Butantã.

ESCOLAS

Ainda dentro dos festejos comemorativos do aniversário da cidade, serão inauguradas duas escolas de 1.º grau e uma unidade de Educação Infantil. Ao todo serão abertas 3.650 vagas, sendo 2.900 nas regionais de Itaquera-Guaianazes e Campo Limpo, e 750 para crianças de três a seis anos, moradoras em Vila Prudente.

Hoje, às 10 horas, será entregue a Escola Municipal de 1.º Grau Professor Airton Arantes Ribeiro, no Promorar São Luís, em Campo Limpo; amanhã às 10h30, a Escola Municipal de 1.º Grau "Eduardo Prado", em Itaquera-Guaianazes; e domingo, às 9h30, a Escola Municipal de Educação Infantil Rio Claro, em Vila Prudente.

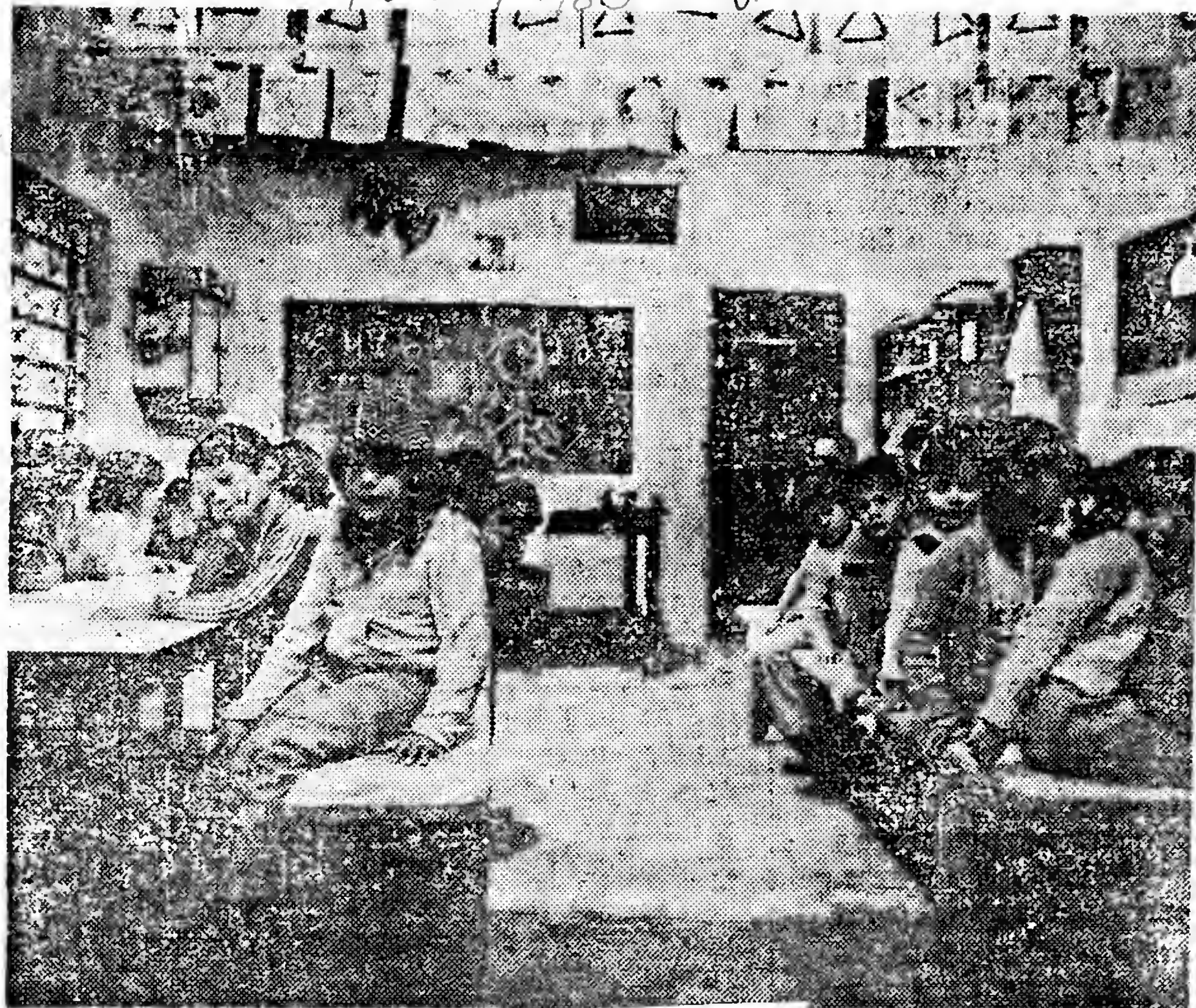
As crianças pedem espaço

De 10 a 25 de dezembro passado, realizou-se no Seminário de Olinda o VI Encontro Mundial do Movimento Internacional do Apostolado das Crianças (MIDAC). Estiveram presentes 100 crianças representantes de 40 países. Ao mesmo tempo, 160 crianças vindas de todos os Estados do Nordeste realizaram o I Encontro Nacional da Ciranda do Meio Popular, na sede da Fundação "Casa da Criança", também em Olinda. Estas crianças brasileiras tiveram uma participação importante no Encontro Mundial. Elas foram ouvidas pelas crianças de outros países. Do Vaticano, assinada pelo Cardeal Secretário do Estado, Agostino Casaroli, veio uma longa carta de apoio e de incentivo.

Takeuchi, uma criança do Japão, deu esse depoimento a um dos responsáveis do MIDAC: "Nós alunos do Colégio, temos muitas coisas para dizer, mas não nos deixam expressá-las. Além disso, a televisão e os jornais, em suas entrevistas, dão somente o ponto de vista dos adultos. Não poderia o Movimento nos ajudar a dizer nossa opinião?"

Com Takeuchi, Maghi, Roberto, Lice e milhões de crianças se expressam todos os dias, a cada momento. Mas são poucos os adultos que sabem escutá-las. Sua voz está aí, clara, concreta e bem viva. Quando elas se organizam entre si, sua voz se faz forte, potente e harmoniosa. A reunião

foto Vera Simonetti/F4



dos grupos das crianças organizada pelo MIDAC chegam a produzir um clamor tão forte que se transforma em grito e profecia.

Desta forma, este documento não é nosso. A única coisa que fazemos é dar-lhe forma. Este documento é das crianças, destas crianças que sofrem mais que ninguém os problemas de todos, estas crianças que em seu Movimento se organizam para participar e fazer participar a todos na caminhada de seu povo.

Escutemo-las!

**AS CRIANÇAS
ESTÃO AQUI, NO
NOSSO MUNDO, E
ELAS NOS DIZEM
DE QUE NÃO
GOSTAM**

Na família: "Vivo num pequeno barraco, sem sanitário. Na minha família somos doze pessoas, dez dormem num mesmo quarto".

"Papai volta bêbado à noite e bate em minha mãe".

"Vejo sempre minha mãe, porém meu pai está sempre no trabalho, fora de casa. Quando ele volta é de noite e vem mal-humorado porque não tem dinheiro para comer e nem para comprar o mínimo necessário".

Laurence: "meu pai está separado de minha mãe".

Christine: "Que queres dizer com isto?"

Laurence: "Que não se amam mais e estão separados. Porém eu vejo meu pai somente durante as férias".

"Uma menina saiu de casa certa de que era a causa da briga dos seus pais. Pensou: com minha saída eles ficarão em paz".

Na escola: "Nós mesmos nem podemos escrever porque somos 90 em classe, na sala de aula".

"Decidimos que um fica em casa e que os outros vão à escola para que a situação da família melhore".

"Temos provas e a professora explicou que aquele que não levasse o material necessário não poderia fazer a prova e aquele que emprestasse alguma coisa para um colega, ficaria uma semana sem o recreio. Uma amiga não tinha levado a folha de papel para fazer a prova e eu lhe emprestei uma. Por isto fui castigada".

"De que adianta a gente estudar se depois não encontra trabalho!"

"O professor é injusto; prefere João a todos os outros".

Na Igreja: "Eu não vou à missa porque o contramestre de meu trabalho vai à missa às 7 horas da manhã e quando ele sai me dá sempre trabalho para fazer. Assim aos

olhos do sacerdote e dos irmãos são bons cristãos os que vão à missa todos os domingos".

"Só vou à missa quando as crianças a preparam".

"É difícil a gente conseguir falar na Igreja. Ninguém ainda confia na gente".

No Bairro e no Povoado: "Nosso bairro eles jogam tudo no esgoto e por isso fica cheirando mau".

"Há muita lama na rua quando chove porque não existe calçamento, pavimentação".

"Os mais velhos nos batem".

"Não existe um local onde os velhos tomem banho de sol e nem as crianças possam brincar".

"Muitos não trabalham e passam o tempo sem fazer nada na esquina".

No Trabalho: "Por conta do desemprego de meu pai, tive que sair para trabalhar; muitos de nós, o Pepe, o Juan... dissemos o mesmo: uns no centro da cidade, outros na mina, fora da cidade e outros desempregados também".

"Trabalhei durante 3 anos, de 2.a à 6.a. Mas não tenho tempo de ver um jogo, nem de jogar".

"Não posso participar da reunião porque mamãe deixa todo o serviço pra mim: varro a casa, lavo a louça, cuido de meus irmãos e enquanto isso ela ouve música e não faz nada".

"Eu trabalho numa cooperativa onde corto pão, varro, vendo doces, começo às 5 horas da manhã e trabalho 11 horas por dia".

"Por 1 quilo de caranguejo me pagam Cr\$ 50,00. O patrão ganha Cr\$ 600,00 por um quilo e se vende para o exterior serão Cr\$ 1.000,00".

As vezes, no meio da guerra: "Os tempos são duros e a comida é escassa".

"A guerra vai durar pois são os irmãos que lutam entre si".

"Agora que tem guerra não se pode ir à escola".

Os meios de comunicação social: "No grupo, nós falamos sobre a TV. E concluímos que as coisas que os comerciais dizem não são verdadeiras. Por exemplo, se diz que somente aqueles que têm um relógio "Citizen" têm personalidade".

SUA RESPOSTA NÃO SE FAZ ESPERAR

Observando atentamente: "Crianças como nós, e alguns pais, estamos preocupados com a sujeira do hospital".

"Nós fizemos uma pesquisa com todos os moradores do bairro sobre a saúde e o que pensavam do lixo colocado na rua".

Agindo em seguida: "As ruas estão sujas... Temos que limpá-las. Há buracos na estrada? Temos que tapá-los... O professor não ensina bem? Fazemos uma pequena greve... Falta legumes (verduras) na pequena cidade? Cultivemos uma horta".

Convidam todos a participarem da ação: "Em Mossoró não tinha farmácia. Então as crianças pediram um local a seus pais, uma prateleira de uma fábrica vizinha e dinheiro às pessoas...".

Na paróquia de Enamgal, dois povoados estão separados pelo bosque. Desde muito tempo houve rivalidade entre os dois. Um dia os "cop monde" de um povoado decidem organizar o dia da amizade. Discutem entre si e convidam as outras crianças do povoado vizinho. Elas chegam e

em princípio olham de longe, mas ao verem a alegria das outras crianças se alegram em festa. Os pais também vêm para admirar e ver seus filhos. Todos se divertem juntos e esquecem suas brigas. Na noite, as pessoas dos dois povoados se reconciliam e voltam a ser amigos".

"21 de maio de 1982": "Um grupo de crianças francesas escreveu ao Presidente da República os seguintes anseios: "criar mais empregos, que a França não produza mais armas, "não queremos mais bombas atômicas" e ajude aos países sub-desenvolvidos. Esperamos que o sr. se esforce o melhor possível para corresponder a estes anseios".

Com a força daqueles que crêem: "Nós discutimos nossos problemas e ações a partir de Jesus Cristo".

"Lutamos por um mundo novo e cremos que o conseguiremos e o conseguiremos porque acreditamos. Vamos conseguir ter um mundo novo porque somos numerosos e unidos no trabalho pelos mesmos ideais".

"Certamente o conseguiremos. E tudo isto sem guerras, sem torturas, utilizando os meios da paz".

"O Senhor perdoa o egoísmo de nossos patrões. Como Jesus que nasceu num estábulo, pobre, também nós somos pobres em nossas casas, sem assistência médica".

AS CRIANÇAS AGINDO, MUNDO NOVO

Um mundo para todos, construído por todos: Em Jacona, o bairro da "Mina" estava dividido. Para preparar a festa de Natal, as crianças se reuniram em grupo.

Queriam uma festa "em que todas as crianças pudessem ir e tivesse doces e frutas para todas". "Celebrar

o Natal com todos sem álcool e sem brigas". "Que os das ruas de cima se juntassem com os de baixo".

"As crianças se organizam em comissões, convidaram seus pais e com eles formaram comissões e dividiram o trabalho".

A festa foi um êxito!

Um mundo onde os pobres e pequenos têm um lugar privilegiado: "Alain e Boaventura dividem seus sanduíches todos os dias na hora de recreação de manhã. Um dia, Maria, órfã não tinha nada para comer. Boaventura a convidou para ir à sua casa... Alguns dias depois, eles propuseram ao professor fazer uma coleta para ajudar Maria. Cada aluno deu 250 francos CFA e o professor completou o resto. Foi uma prova de solidariedade formidável!".

"Nossos pais mudaram de opinião a nosso respeito. Visto que conseguimos o transporte escolar. Hoje eles nos levam em conta".

"Jogamos pedras nos ônibus porque os ouvidos dos brancos estão entupidos de dinheiro e por isso não nos escutam".

ELES SABEM MUITO BEM O QUE QUEREM

Uma família: — que respire carinho; que tenha o necessário; que seja um lugar de encontro e não de briga.

Uma escola: — que seja gratuita, um serviço e não um comércio; onde se fale a língua materna; onde se aprenda o necessário para viver; onde os professores saibam avaliar e os colegas sejam amigos.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SÃO PAULO
Data: 14-20 / 01 / 1983
Pág. 7

Pasta n.º
N.º do recorte 1406.1

Um bairro, um povoado: — habitado e cuidado por todos; onde haja colaboração de todos; espaço para todos; que os direitos de todos sejam respeitados.

Uma Igreja: — construída com eles, por eles e para eles formada por grupos que atuam e que celebram; solidariedade com a causa dos pobres; onde os pequenos tenham a prioridade e possam se expressar; que seja uma festa.

Um mundo: — de justiça, sem violência, que respeita a dignidade de todos.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Folha de São Paulo*
Data: *23/01/83*
Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

16
\$
F/SP 23/01/83
**Em Caicó,
inaugurada
nova creche**

NATAL — Mais uma creche será inaugurada no dia 30 deste mês, na cidade de Caicó, RN. É a quinta construída naquela cidade, como parte de um programa de assistência infantil do Pronav/LBA e Movimento de Integração e Orientação Social (Meios).

A coordenadora estadual do Pronav, Vilma Maia, informou que, na nova creche, serão atendidas 120 crianças, com assistência total, e que na construção foram investidos quatro milhões e quinhentos mil cruzeiros.

SERÃO 23

Falando a respeito do Programa de Creche Comunitárias, acrescentou que, em Natal, já existem seis creches e que o programa prevê um total de 23 desses estabelecimentos.

As creches, conveniadas

A Prefeitura do Município de São Paulo tem um plano para transferir as creches que vem construindo e equipando a entidades particulares. Essa transferência não desobrigará a Prefeitura de continuar investindo na criança assistida pela creche. Ao contrário, pelo convênio a ser firmado com a entidade particular, o poder público pagará uma mensalidade de Cr\$ 11.255,00 por criança, valor esse reajustável a cada ano.

Não há, nesse plano, nenhuma novidade. Há cinco anos a Prefeitura já mantinha convênios com diversas entidades, que administravam, mediante o pagamento de quantia reajustável, 20 creches; as creches particulares, em número de 90, recebiam assistência técnico-financeira e outras nove eram beneficiadas com assessoria técnico-administrativa. A Prefeitura mantinha sob sua responsabilidade direta só quatro creches.

O plano que a Prefeitura de São Paulo pretende executar em relação às creches é, a nosso ver, aquele que facilitará a integração da comunidade com a administração. Como disse o secretário da Família e Bem-Estar Social, José Avila da Rocha, o poder público quer criar uma filosofia de promoção social sem assistencialismo, o que resultará em uma forma de assistência sem paternalismo.

Assim, ao comemorar, hoje, o seu 42º aniversário de fundação, São Paulo revela preocupação com problema muito sério, que é a ausência de espírito comunitário entre os munícipes. Quanto mais esse espírito comunitário for desenvolvido, mais impessoal se tornará o governo e mais palpável será a presença da comunidade no esforço por todos desenvolvido para equacionar e solucionar problemas coletivos.

A população, ao adquirir plena consciência de que deve participar das decisões governamentais, deixará de ver no governo uma espécie de pai responsável por numerosa família e do qual todos esperam tudo, embora todos pouco façam para ajudá-lo, a não ser quando a isso são forçados.

O governo arrecada impostos que devem ser gastos com a prestação de serviços à comunidade, que, por sua vez, deverá estar organizada até mesmo para que tenha condições de fiscalizar os gastos do governo.

Ao transferir, como pretende, por convênio, as creches para entidades particulares, o poder público está propondo a co-responsabilidade dos munícipes na administração dessas creches e, conseqüentemente, criando condições para que as crianças que as frequentam sejam realmente bem assistidas. A creche deixará de ser um órgão politicamente manipulável.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Estado de São Paulo*Data: *25/10/83*Pág. *1*

Pasta n.º

N.º do recorte.....

Entregues com atraso creches na zona Leste

Dentro do programa comemorativo do 429.º aniversário de São Paulo, a Prefeitura inaugura ontem duas creches, nos Jardins Campos e Matarazzo, na zona Leste. Apesar de esperado, o prefeito Antônio Salim Curiati não compareceu. Foi representado pelo secretário da Família e Bem-Estar Social (Fabes), coronel José Ávila da Rocha.

As duas creches foram construídas pela Emurb e deverão abrigar crianças até três anos. A do Jardim Campos tem capacidade para 150 crianças e a do Jardim Matarazzo para 120.

ATRASO EXPLICADO

O secretário José Ávila da Rocha disse, no Jardim Matarazzo, que as inaugurações refletem "a preocupação do prefeito com a população mais carente".

"Estamos tendo uma cerimônia muito simples, mas de alto significado para vocês, que lutaram para isso, com as entidades e as lideranças políticas do bairro. Esta creche é uma vitória mais da comunidade do que da administração municipal, já que vocês acompanharam a construção tijolo a tijolo, chegaram até a escolher o terreno. Ela só não está pronta há mais tempo por problemas de estrutura, de ordem física. Não poderíamos receber as construções com problemas de estrutura e, por isso, tiveram que ser feitos reparos."

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *11/4 DA FALVE*Data: *25.12.83*Pág. *—*

Pasta n.º

N.º do recorte

Prefeitura inaugura 2 creches

F. T. de 25/12/83
Dentro das comemorações do aniversário da cidade duas creches municipais foram inauguradas ontem nos Jardins Campos e Matarazzo, ambas na Zona Leste. As cerimônias foram presididas pelo secretário da Família e Bem-Estar Social, coronel José Ávila da Rocha, presente também o administrador regional de São Miguel Paulista-Ermelino Matarazzo, Horácio de Almeida.

Ambas as creches inauguradas ontem, construídas pela Emurb, são para crianças até três anos. A creche do Jardim Campos tem capacidade para 150 crianças, enquanto que a do Jardim Matarazzo pode atender 120 crianças. As duas obras foram apressadas nos últimos dias, por determinação do prefeito Antonio Salim Curiati, para que fossem entregues dentro da semana de aniversário da fundação de São Paulo.

POPULAÇÃO CARENTE

O secretário José Ávila da Rocha disse estar fazendo uma inauguração simples, no Jardim Matarazzo, "em nome do prefeito, que houve por bem colocar como pon-

to alto na semana da cidade a inauguração e entrega à comunidade de equipamentos sociais, uma das características do nosso prefeito, em sua preocupação com a população mais carente. E continuaremos em nosso esforço de entregar o máximo de equipamentos até o dia 15 de março" (quando termina o mandato de Curiati.).

O secretário prosseguiu que "nós estamos tendo uma cerimônia muito simples, mas de alto valor significativo para vocês, que lutaram junto com as entidades, junto com as lideranças políticas do bairro para isso. Essa creche é uma vitória mais da comunidade do que da administração municipal, porque vocês acompanharam a construção tijolo por tijolo, chegaram até a escolher o terreno".

Ávila da Rocha terminou a inauguração no Jardim Matarazzo conclamando a população a defender a creche contra "os atos de vandalismo praticados não contra o poder público, mas contra a própria população do bairro". Em seguida, pediu que a diretoria da creche, Maria Luíza das Graças Nunes, descerrasse a placa comemorativa da inauguração.

A vida das crianças: um grito e uma luta

Uma centena de delegados de 40 países estiveram em Olinda, PE, de 10 a 25 de dezembro passado, realizando o VI Congresso Mundial do Movimento Internacional do Apostolado das Crianças. Também havia 160 crianças brasileiras vindas dos Estados nordestinos compreendidos entre Bahia e Rio Grande do Norte.

Os acompanhantes das crianças, depois de ouvirem atentamente suas aspirações, tentaram colocar no papel sua realidade, suas aspirações, suas esperanças. E dizem: "Falamos para denunciar o fato de que os menores são ainda os mais oprimidos, os mais explorados. Falamos para anunciar que nesta marcha libertadora do povo dos pobres, as crianças têm seu modo peculiar de avançar. Falamos emocionados pelo encontro com Jesus Cristo vivo, no meio das crianças, felizes se pudermos ser transparentes à sua luz. Falamos enquanto acompanhantes de crianças, não enquanto técnicos dos problemas do mundo ou peritos tendo estudado longamente a questão. Queremos ser o eco fiel da mensagem das crianças".

Abaixo um compacto do Documento: A VIDA DAS CRIANÇAS: UM GRITO E UMA LUTA.

I — AS SITUAÇÕES PIORAS E AS CRIANÇAS LUTAM

1. FAMÍLIA: FUTURO INCERTO

A família é a primeira realidade que as crianças encontram no seu caminho. De todas as partes sobe o mesmo refrão: "eles não nos consideram". Os direitos que seus pais reivindicam na sociedade são os mesmos que as crianças querem para elas mesmas na família: o direito de perguntar e de receber respostas, o direito de dar sua opinião e de intervir nas decisões que concernem à vida familiar, o direito de assumir responsabilidades e de se organizar, o direito elementar de escolher e convidar seus amigos, meninos e meninas. As crianças frequentemente se chocam com os hábitos e tradições dos pais. Na família como no resto da sociedade reinam as mesmas regras: a submissão, a obediência, a ausência de comunicação. Isto é ainda mais forte nas civilizações que não concedem o direito à palavra. O desemprego, a imigração, a guerra, as dificuldades econômicas transtornam a vida dos pais. Estes transtornos algumas vezes são um desastre para as crianças. Numerosas famílias são abandonadas pelo pai ou pela mãe. Mães solteiras, pais obrigados a trabalhar, ambos deixam as crianças entregues a elas mesmas. O alcoolismo, a droga, os jogos de azar, a prostituição têm consequências desastrosas para outras crianças. O pai que bebe para esquecer sua miséria perde sua identidade, a consciência de suas responsabilidades e de sua autoridade. Com as esposas, inúmeras crianças frequentemente apanham. Sem querer generalizar, inúmeras crianças sofrem hoje em dia castigos corporais, considerados pelos adultos como sistema válido de educação. "Em minha casa levamos pimenta nos olhos como castigo". Nas sociedades industrializadas com as classes sociais misturadas o ritmo de vida priva muitas crianças do amor, da afeição, do tempo de conversar com os pais. Suas dificuldades são mais psicológicas do que materiais.

A fome bloqueia a vida: A moradia é uma preocupação sem fronteiras na cidade como no campo, no norte como no sul. Os desenhos das crianças mostram o forte desejo de uma casa maior, confortável, com eletricidade e água, com verde e cor e sem muito barulho.

O alimento está longe de corresponder às necessidades das crianças. Neste assunto, mais ainda que em relação à habitação, as situações variam de acordo com os lugares. Aqui é a fome que bloqueia toda a vida, que obriga algumas vezes as crianças a se arranjamem sozinhas para sobreviver.

Uma forte aspiração: Apesar de todas essas carências e fraquezas, um lar unido é a aspiração de todas as crianças. A pior desgraça é ser mandado fora de casa. Isto acontece de diversas formas: ser mandado para longe, na casa de familiares, de um tutor, de ser "emprestado" a algum amigo para um serviço, o emprego forçado e algumas vezes a venda pura e simples a uma empresa, a expulsão sem esperança de voltar. As crianças não se conformam com esse estado de coisas.

2. A ESCOLA DEVE SER REIVENTADA

"Para que serve ir à escola?" Crianças de todas as idades fazem esta pergunta, crianças sempre tão ávidas de descobrir e aprender e que tanto gostam de fazê-lo em conjunto. Como se chegar a isso? Sobretudo quando se pensa no esforço enorme realizado em escala nacional e internacional para suprimir o analfabetismo e renovar os métodos de educação. Seria necessário lembrar que em 1983 cerca de 450 milhões de crianças, de 7 a 15 anos não serão escolarizadas; que na Ásia, perto de 60% dos jovens de 12 a 17 anos não receberão instrução no ano 2000?!

As crianças explicam concretamente esse estrago. A escola é longe, gasta-se muito tempo a pé para chegar lá. Os transportes, quando existem, estão superlotados e são cansativos demais. Nas cidades as ruas são perigosas e entupidas de gente; a porcentagem de crianças implicadas nos acidentes não cessa de aumentar.

Na escola, os pátios de recreação são pequenos demais para permitir a todos de brincar: esbarram-se uns nos outros, machucam-se, os maiores abusam dos menores. As salas de aula são superlotadas, há falta de material. Em vez de construir novos prédios, as administrações se contentam em multiplicar os turnos sem se preocupar em melhorar as condições de ensino.

Com frequência as expectativas das crianças ante os mestres são frustradas. Um não prepara as aulas, outro é grosseiro ou aparece quando tem vontade. Um aproveita dos alunos para cuidar de seu jardim, outro para transportar a água e a lenha de que precisa. Ante esse comportamento dos professores é preciso lembrar o baixo nível dos salários, a sobrecarga de trabalho, a falta de organização. O sistema escolar prejudica também aos professores. Mas que fizeram eles para contestar uma instituição orientada não para o bem das crianças, mas para o serviço de um sistema econômico dominante que precisa do individualismo e da competição para viver.

Uma concepção elitista: Antes de tudo a escola é o lugar de encontro com os colegas, a ocasião, às vezes, de escapar à tensão familiar, mas também na escola as aspirações das crianças são frustradas. O favoritismo do professor, de um lado, e de outro, uma concepção elitista da educação com seu cortejo de testes e concursos, quebra o companheirismo dos alunos. O clima de concorrência, a impiedosa seleção produzem de um lado uns poucos eleitos, os ricos, e de outro, os que não acompanham o ritmo: os pobres, os analfabetos, a maioria. Num país europeu, 80% das crianças filhos de imigrantes fracassam na escola por conta das lacunas linguísticas, das péssimas condições de estudo em casa.

Eles têm suas soluções: Os pais desanimam com frequência ante esses problemas: o hábito de aceitar tudo que diz o professor não é fácil de ser superado. As crianças muitas vezes resistem quando a violência com respostas à violência das professoras. Lutam para que seus direitos sejam reconhecidos, fazem petições reivindicando o melhoramento da cantina escolar, organizam boicotes às lojas onde os produtos são caros demais. Fazem campanhas de informação na escola, no bairro, na aldeia. Ante o baixo nível de ensino e o academismo, têm suas próprias soluções: mais métodos audio-visuais, saídas, pesquisas...

3. UM BAIRRO PARA VIVER

A terceira realidade da vida das crianças é a comunidade do vilarejo ou bairro; lá elas se acham inseridas no mundo pensado pelos adultos; enfrentam os obstáculos; são parte integral dos conflitos; não querem ser postas de lado. Ora aqui mais do que em qualquer outro lugar, a criança é o pequeno, o esquecido, o rejeitado, o explorado, aquele que desde sempre tem que esperar antes de ser considerado companheiro.

Os terrenos para jogos continuam desaparecendo, da mesma forma os terrenos baldios, as ruas, os pátios das escolas, as varandas das casas, e os locais próprios são mal tratados e se encontram com frequência, longe de suas moradias. As crianças das favelas conhecem permanentemente um "habitat" sujo e superpovoado, são privadas de água potável, tem os esgotos ao ar livre e o lixo por toda parte expondo-os às infecções.

4. UM TRABALHO PARA SOBREVIVER

A situação de miséria em inúmeros pontos do globo (provocada por um sistema econômico ávido de lucro e buscando portanto mão-de-obra barata) acarreta o precoce engajamento das crianças no trabalho. Delas depende a sobrevivência das famílias. Em condições prejudiciais para seu corpo e espírito (barulho, poluição, horários, insultos e castigos), as crianças perdem a esperança na construção de seu futuro. "Fico muito cansado quando vou colher morangos. Carrego os burros sob um sol de chumbo é muito cansativo e penoso!" Esta criança sul-americana certamente não foi recensada entre os 52 milhões de crianças que trabalham, computadas pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Outras avaliações falam de 200 a 300 milhões de crianças trabalhadoras como: vendedores de querosene, de vassouras, ou como pastores na África, como lavadores de para-brisas, guardas de estacionamento, ajudantes de pedreiros, engraxates, tem como única preocupação: sobreviver.

II — DIANTE DUMA EXPLORAÇÃO ORGANIZADA

O mundo está evoluindo enquanto as crianças e povos inteiros conhecem uma miséria crescente. Mais do que nunca, eles necessitam de um Movimento que os ajude a se organizarem para fazer respitar seus direitos, que apóie sua ação transformadora, que lhes dê condições de fazer escutar sua voz na sociedade e no mundo. Para que a luta das crianças, tanto quanto a do seu povo, não seja em vão, os animadores precisam decifrar as causas que originam tantos sofrimentos pelo mundo afora.

Em Olinda os delegados iniciaram uma reflexão que os conduziu a se interrogarem sobre a dependência crescente de numerosos países, sobre a submissão da maioria da população aos interesses sem limites duma minoria de países e de classes sociais. Nisto, os delegados não fizeram mais que responder ao apelo feito no Encontro de Escorial (Espanha) em 1978: "É preciso que os responsáveis façam uma análise do que vêem, descobrir a ligação que tem os fatos constatados com as causas de fundo que se encontram na vida das crianças, no seu ambiente, no seu país e no mundo".

Globalmente, a situação das crianças do mundo está piorando, segundo o UNICEF. Em cada minuto que se passa morrem 30 crianças, 5 bilhões de dólares seriam suficientes para alimentar 200 milhões de crianças, durante um ano; 15 bilhões de dólares seriam suficientes para dotar de serviços básicos de saúde todo o Terceiro-Mundo. Desta forma 250 mil crianças não teriam ficado cegas, pela falta de vitamina A, durante o ano de 1982. Neste mesmo ano, aproximadamente 500 bilhões de dólares foram gastos pelos exércitos do mundo.



Diante de tais cifras, o MIDAC não pode cruzar os braços porque as próprias crianças não cruzam seus braços, agem.

1. O ELITISMO: é a lei da escola

Proclama-se a luta contra o analfabetismo e escolariza-se o mais possível. Segundo a UNESCO, os analfabetos deveriam passar de 32,4% em 1970 para 25,7% em 1990. Realmente, em que pé estamos? Os 742 milhões de 1970 já passaram a ser 814 milhões em 1980. A explosão demográfica não é a única causa. Os textos, os programas, a multiplicidade de cursos particulares, as condições do trabalho escolar (a escolha de uma língua diferente da língua materna) gera uma seleção impiedosa e sobretudo, criam massas de analfabetos, de jovens frustrados nas suas esperanças, de desempregados: 25,75 milhões em 1981, ou seja, um aumento de 12% ao ano. Nisso os jovens representam 20% da população ativa, porém 40% dos desempregados.

2. O FATO RELIGIOSO

O fanatismo religioso dos crentes das grandes religiões, como das novas seitas, influi cada vez mais diretamente na vida das crianças. Provoca guerras e divide as comunidades humanas. Manipula as crianças usando seu ardor e sua generosidade naturais. Sem chegar a tanto, frequentemente a educação religiosa está mais a serviço de concepções teológicas dos adultos que das necessidades das crianças. Aqui não podemos deixar de questionar as religiões Xitas e antes de tudo a Igreja Católica. No seu ensino catequético ou através do sistema escolar por ela organizado, a Igreja não respeita de modo algum o pensamento das crianças na medida em que não leva em conta suas expressões e modos de agir. Certas catequeses ou pastorais não estão adaptadas à vida das crianças.

3. O CAPITAL ORGANIZA A INJUSTIÇA

As grandes empresas, especialmente as trans e multinacionais, impõem sua lei, sua política, sem levar em conta os trabalhadores, seus costumes ou necessidades locais. Certas multinacionais têm orçamentos bem superiores ao orçamento dos países onde atuam: podem asfixiar um país, paralisar um ramo de indústria, impor sua vontade nos contratos, comprar governos sem que isso lhes custe muita coisa: 'a lei do lucro age como um rolo compressor'.

4. A DESIGUALDADE DE TROCA ERIGIDA EM SISTEMA

No campo, os camponeses protestam contra a venda dos seus produtos a preços irrisórios para serem vendidos fora, muito caros, enquanto que eles são obrigados a pagar caro pelo adubo, ferramentas, pelos produtos de primeira necessidade. Não têm nenhum meio para controlar os preços de venda de seus produtos, nem o preço de compra dos produtos de que necessitam. Antes mesmo da colheita enquanto que o camponês com sua mulher e filhos pena no seu campo sob um sol de chumbo e o vento forte, o brasileiro na cana-de-açúcar, o homem da Costa do Marfim no cacau, o indiano no chá; o preço já foi fixado em Zurich, Paris, Londres, traficado, comprado, revendido em poucos minutos graças aos organizadores.

Os governos deixam apodrecer as culturas locais tradicionais e vitais (quando não programam!) para entrar setores agrícolas, giões inteiras sobre produtos de exportação. O agricultor não só vai tocar numa mínima porcentagem do preço de venda, mas também sua própria vida está à mercê das flutuações do mercado mundial.

5. O CULTO AO CONSUMO MATA CULTURA

Através de um conjunto de meios (agências de imprensa, livros escolares, filmes, publicidade, docentes, peritos diversos) e impõe uma visão do mundo cuja mensagem central é: a felicidade está no consumo. No início dos anos 70 os EEUU exportaram 150 horas de programas de T.V. por ano, 3 destes se destinavam ao Terceiro-Mundo... a condição indispensável para manter o domínio econômico dos antigos colonizadores das classes dirigentes. Enquanto as populações aspiram a um modo de vida baseado no superconsumo e no gasto exagerado não põem em questão os sistemas que pretendem levar a isso.

Essa invasão de modelos culturais estrangeiros destrói lenta mas seguramente as culturas locais. As crianças não são as últimas a sofrer esta influência perniciososa. A televisão que eles consomem em fortes doses tem sobre eles um considerável impacto. Especialmente os anúncios publicitários lhes propõem modelos de vida que nada tem a ver com o que eles vivem habitualmente. Progressivamente as crianças exercem pressão sobre seus pais para obter os diferentes objetos que a televisão sugere.

Nada de vida concreta: Como os meios de comunicação de seus pais são com frequência limitados, as crianças ficam frustradas e muitas vezes os recriminam por não fazerem o suficiente por eles. Os programas, sobretudo os filmes, raramente mostram a vida concreta, os problemas das pessoas simples do país... Resumindo são as crianças que espontaneamente tomam uma distância crítica em relação à televisão. Falta uma educação especial do uso dos programas de vídeo, assim como das histórias em quadrinho.

6. VIOLENCIA MILITAR, UMA NECESSIDADE ECONÔMICA

Este mundo construído sob a lei da violência encontra sua expressão exacerbada na violência armada, seja a de um aparelho representado especialmente policial, a serviço dos governos ditos democráticos, seja a das forças militares no sentido estrito.

Em todos os continentes, as guerras continuam matando os pequenos, as crianças, os jovens... Sem complexo algum, as ditaduras militares torturam e assassinam até mesmo as crianças... Queremos juntar nossa voz às vozes que exigem das potências deste mundo parar com as guerras, para denunciar em particular o uso dos armamentos contra as crianças. Crianças são treinadas, armadas, empregadas nas forças militares e algumas vezes usadas para matar. Por outro lado, não podemos esquecer as multidões de crianças desenraizadas pela guerra: exiladas, longe de seus vilarejos, até mesmo de seus pais, separadas de seus parentes e de suas famílias.

O racismo e as divisões religiosas são utilizadas como tela para esconder as verdadeiras causas econômicas do conflito, justificando assim a intervenção militar.

E, o que dizer do escândalo que constitui a escalada das despesas militares no mundo? Em 1980, o armamento engoliu um milhão de dólares por minuto! Os países do Terceiro-Mundo, os países onde mais existem crianças, foram tomados por este contágio: em 10 anos a parte nas despesas com armamentos passou de 9 para 16%.

É preciso afirmar aqui claramente: as forças armadas através do mundo não são o mero acaso, nem o resultado do capricho e do poder econômico baseado na exploração da maioria para proveito de uma minoria, é a necessidade de sua existência. Resta-lhe a força para assegurá-la. Por esta razão o poder econômico coloca fiéis servidores à sua disposição: forças armadas bem pagas e obedientes. As crianças começam a perceber esta violência e o medo que ela provoca nos seus pais.

Não podemos terminar este documento sem lembrar que o grande rompimento entre o Leste e o Oeste estende suas fissuras em muitas comunidades de crianças mesmo que se limitam apenas em suas incidências políticas e econômicas.

Em pequenos grupos dispersos ou ligados ao Movimento as crianças entre elas ou com seus pais, as associações de jovens e de adultos, são a aurora que ilumina a marcha de todos os pobres e oprimidos para a sua libertação.

Lentamente, certamente com dificuldades mas com segurança, surge um mundo novo.

Concluindo, ouvamos as crianças de Ngũgĩ, uma pequena aldeia da República dos Camarões que nos contam seu nascimento: "Fizemos uma horta e semeamos diferentes verduras: melão, tomates." O povo da aldeia me disse: "É preciso dar plantas... Se recusamos não serão tiradas de todo jeito..." Um pouco mais tarde: "Vejam, as mulheres vieram trabalhar... Não podemos ficar cuidando o tempo todo..."

As crianças continuam seu jardim apesar de tudo.